

INSTITUTO SOCIAL MICAEL  
FORMAÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO EM PEDAGOGIA WALDORF

AXÉ  
A MITOLOGIA IORUBÁ COMO ALIMENTO ANÍMICO-ESPIRITUAL PARA A  
CRIANÇA DO QUARTO ANO WALDORF

MANUELA SILVEIRA DE CARVALHO

ARACAJU, SE  
JUNHO DE 2022

MANUELA SILVEIRA DE CARVALHO

AXÉ

A MITOLOGIA IORUBÁ COMO ALIMENTO ANÍMICO-ESPIRITUAL PARA A  
CRIANÇA DO QUARTO ANO WALDORF

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no  
Curso de Formação em Pedagogia Waldorf do  
Instituto Social Micael, como parte de exigência para  
obtenção do certificado de conclusão.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Susanne Charlotte Rotermund

Coorientadora: Prof<sup>a</sup> Marli Pereira

ARACAJU, SE

JUNHO DE 2022

Comunhão

*“Todos os meus mortos estavam de pé, em círculo, eu no centro. Nenhum tinha rosto. Eram reconhecíveis pela expressão corporal e pelo que diziam no silêncio de suas roupas além da moda e de tecidos; roupas não anunciadas nem vendidas. Nenhum tinha rosto. O que diziam escusava resposta, ficava, parado, suspenso no salão, objeto denso, tranquilo. Notei um lugar vazio na roda. Lentamente fui ocupá-lo. Surgiram todos os rostos, iluminados.”*

(ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia Poética*. 48.ed. Rio de Janeiro: Record, p. 352.)



Figura 1: Avós da autora na festa de formatura de uma de suas netas em agosto de 2012  
Foto: Gabriela Silveira

## Agradecimentos

*Somos a Bahia de um mar inteiro  
Somos a fumaça de um mensageiro  
Somos pretos e cantaremos nossa cor  
Somos a luz da cidade sóbria  
Somos o sonho de ser pátria igual  
Somos beleza infinita  
De perto, anormal  
Somos capoeira de mestre forte  
Somos escolhidos da sorte  
Somos tambores ricos de fé  
Somos universo de bem maior  
Somos o amor e seus aliados  
Somos filhos dos encantados!*

*Aloísio Menezes*

Antes de mais nada, levando em consideração meu tema, preciso reverenciar e pedir licença as forças as quais me guiaram e seguem me guiando em todo este caminho ao encontro do sagrado. Laroye Exu, senhor dos caminhos, da encruzilhada e das palavras. Me permita ser capaz de comunicar com clareza aquilo que ferve em mim. Epahey Oyá, minha mãe, gratidão pela companhia em todos os momentos de minha vida. Saúdo também a todos os deuses, deusas, todos os Santos, todos os Orixás, assim como diria Mãe Carmem do Gantois: “eu agradeço a todos!”.

Este trabalho é uma reverência à minha ancestralidade. Àqueles que sedimentaram o chão nesta terra que hoje eu piso e, por isso, posso abrir meus próprios caminhos. Ao longo da minha caminhada na Antroposofia, na Pedagogia Waldorf e nesta formação experimentei um constante construir e destruir de valores, crenças e saberes. Foi graças a este movimento incessante que pude questionar e investigar tudo que aprendi até aqui.

Desde que me entendo por gente, como dizemos aqui na Bahia, reconheço a grandiosidade das mulheres de minha família materna. Não houve uma delas em quem não me inspirasse no passado e no presente também. Tive a sorte de conviver até a minha adolescência com duas bisavós muito diferentes e muito semelhantes ao mesmo tempo. Me recordo até hoje da sensação de estar diante delas. Era o mesmo que estar diante de duas muralhas. Não pela frieza, mas pela imensidão de espírito que, naquela época, eu era capaz de perceber. Agradeço a minha avó Mariinha, mulher a frente de seu tempo que

alfabetizou e educou boa parte das crianças e jovens de sua cidade no recôncavo da Bahia. Precursora do destino que a nossa linhagem trilharia. Agradeço a minha avó Iaiá que me ensinou elegância e serviço, mantenedora de um verdadeiro lar.

Impossível seria escrever algo como este texto sem me curvar diante da memória de minha avó materna, Marília. Educadora, acolhedora, mãe de todos, auxiliadora de absolutamente todas as pessoas que cruzavam seu caminho. Minha avó me mostrou a verdadeira face da bondade e da generosidade. Do estado de alma que um dia pretendo alcançar. Aquele que é necessário quando queremos nos conectar verdadeiramente com o outro ser humano, seja ele quem for. Minha avó também me ensinou, apenas sendo, que o mundo espiritual é um e que não importa a forma em que se manifeste, ele é real. Obrigada vó, sem você eu não seria.

A minha mãe, por me proporcionar um ambiente recheado de saberes livres e por sempre me impulsionar ao questionamento e construção de conhecimento.

A professora Glauce Kalisch que ministrou as aulas de brasilidade do curso de Formação e Fundamentação em Pedagogia Waldorf em janeiro de 2020 e trouxe um ponto de virada nas minhas pesquisas sobre este tema dentro da Antroposofia.

A professora Marli Pereira, querida amiga e coorientadora deste trabalho, por todas as trocas e contribuições sobre os diversos temas que envolvem as reflexões sobre a atuação da Antroposofia e da Pedagogia Waldorf em solo brasileiro.

A professora Susanne Rotermund, doce professora e orientadora que nos liderou por um caminho lindíssimo de compreensão de assuntos de intensa complexidade através da arte.

Aos meus filhos que me acordam para o constante ressignificar e resgatar da minha alma infantil. Que me ensinam todos os dias sobre a bondade, a beleza e a verdade.

A Vinícius Bruno, a quem já ousou chamar de baba, por alimentar meu ori e me guiar pelo caminho espiritual e o reconhecimento das forças que atuam em mim.

A todos aqueles que encontrei neste caminho e foram grão de areia neste imenso mar do aprender que é a Antroposofia, meu enorme obrigada!

## **Resumo**

A Pedagogia Waldorf compreende que o currículo escolar deve estar intimamente relacionado aos acontecimentos esperados para cada idade descritos pela antropologia antropológica. Por isso, são propostos para cada ano do ciclo escolar conteúdos que auxiliam a criança a lidar com as mudanças iminentes ao seu crescimento. Entre estes conteúdos, são sugeridas narrativas que conversam com a alma da criança em cada etapa de desenvolvimento, considerando os aspectos relacionados à identidade e ancestralidade em níveis individual/subjetivo e coletivo, por isso mesmo, as histórias, contos, mitos e lendas que constituem a “subjetividade coletiva” de cada povo são relevantes no projeto pedagógico Waldorf. Tradicionalmente o currículo propõe como narrativa de alimento anímico, especificamente para o quarto ano, a mitologia nórdica. Este texto, no entanto, propõe apresentar os princípios norteadores que possibilitam a inserção da mitologia iorubá no currículo do quarto ano Waldorf, observando a definitiva influência dos povos trazidos de África na formação da alma e identidade brasileira. Para tanto se mune de revisão bibliográfica fundamentada em livros e palestras documentadas de Rudolf Steiner em diálogo com autores que dissertam sobre a mitologia nórdica e a mitologia iorubá, principalmente. Estão retratados neste trabalho os processos vivenciados pela criança por volta dos dez anos de vida, fragmentos do currículo Waldorf proposto para esta idade, características das mitologias nórdica e iorubá e análise sobre os benefícios da utilização da mitologia iorubá como ferramenta de alimento anímico-espiritual para a criança desta faixa-etária.

**Palavras-chave:** Mitologia Iorubá; Mitologia Nórdica; Quarto ano Waldorf; Pedagogia Waldorf.

## Lista de figuras

Figura 1: Avós da autora na festa de formatura de uma de suas netas em agosto de 2012 .....	3
Figura 2: Desenho em giz de lousa por Manuela Silveira para a época do tempo, fevereiro 2020.....	14
Figura 3: Iemanjá em ponto cruz por Manuela Silveira, maio de 2022 .....	22
Figura 4: Mapa mundi destacando em vermelho países escandinavos e em amarelo países de onde saíram os povos iorubás para o Brasil, junho de 2022 .....	24
Figura 5: Oxumarê em giz de lousa por Manuela Silveira, março de 2022 .....	26
Figura 6: Festa no terreiro em aquarela por Manuela Silveira para vídeo em stop motion do teatro “A menina do Candeeiro” em julho de 2021 .....	31

## Glossário

1. Àba: desejo, vontade
2. Agemo: camaleão mensageiro de Olorum
3. Akete: chapéu, gorro
4. Aláàbáláàse: aquele que tem axé para pensar e realizar
5. Àpó-didá: sacola da criação usada por Obatalá
6. Àsé ou axé: poder de realização, energia vital
7. Ayê: terra
8. Asgard: reino dos deuses nórdicos
9. Baobá: árvore africana considerada sagrada
10. Corpo etérico: corpo vital, conceito antroposófico
11. Èwón: corrente
12. Ese-Ifá: versos sagrados de Ifá
13. Gbogbo kóró orun: todas as sementes do céu
14. Ìgbín: caracol
15. Ilé nfé: “a terra está se expandindo”
16. Ilê òrun: terra do céu
17. Iroko: orixá da árvore
18. Itan: conjunto de mitos e lendas sobre o panteão africano
19. Koró òpéfá: semente de palmeira
20. Márùnù: galinha de cinco dedos
21. Obatalá: criador dos humanos
22. Odin: deus nórdico, senhora da cura, da vida e da morte
23. Odu: signo divinatório
24. Ogã: médium responsável pelo canto e pelo toque
25. Olókun: orixá de mar
26. Omi: água
27. Olodumare: deus supremo
28. Olórun: senhor do orun, outra maneira de chamar Olodumare
29. Òpásóró: apetrecho de Oxalá, como um cajado
30. Orixá funfun: orixá que veste branco
31. Orun: céu
32. Orin: termo dado às cantigas que fazem comunicação com o mundo material e espiritual
33. Rubicão: crise dos nove anos para a antroposofia
34. Skald: poetas escandinavos
35. Ygdrasil: árvore sagrada na cosmologia nórdica



## Sumário

1. Introdução - como a pergunta me atravessa .....	10
2. A criança do quarto ano Waldorf – Eu, Eles e Nós.....	17
3. Através do Atlântico.....	19
4. Mitologias Nórdica e Iorubá: diálogo de deuses - o currículo Waldorf assentado em terras brasileiras.....	23
5. Considerações finais – Orin, mensagens do céu .....	28
6. Referências .....	33
7. Anexos.....	36
Anexo 1: Contados (Itans) e Cantadas (Cantigas) do elemento FOGO .....	36
Anexo 2: Contados (Itans) e Cantadas (Cantigas) do elemento TERRA .....	39
Anexo 3: Contados (Itans) e Cantadas (Cantigas) do elemento AR:.....	44
Anexo 4: Contados (Itans) e Cantadas (Cantigas) do elemento ÁGUA:.....	47

## 1. Introdução - como a pergunta me atravessa

ÒRÌSÀ DÍDÁ AYÉ (Orixá criou o mundo)

1. *Ìtàn àtowódówó, ìtàn atenuenu*
2. *Onîwáàdí àtúndá ìtàn ìsèdáyé*
3. *Jogo para Obàtálá*
4. *Òrìsà-Nlá Ìgbà Àkókó*
5. *“O Grande Òrìsà do início dos tempos”*
6. *Àkóbí Olórun*
7. *“O primeiro filho de Olórun”*
8. *Igbákejì Olódùmarè*
9. *“A segunda pessoa de Olódùmarè”*
10. *No dia que ele estava vindo para criar o ayé*
11. *No tempo que a existência começou*
12. *Olódùmarè era uma massa infinita de ar*
13. *Começou a mover-se lentamente, a respirar.*
14. *O ar transformou-se em massa de água*
15. *Dessa água nasceu Òrìsà-nlá*
16. *O grande Òrìsà-Funfun, o Òrìsà da cor branca.*
17. *O que é agora a nossa terra*
18. *Era um pântano desolado*
19. *Em cima estava o òrun*
20. *Onde também moravam os Òrìsà*
21. *Tudo que eles precisavam estava no òrun*
22. *Nos pés da árvore baobá*
23. *Todos os òrìsà estavam contentes ali*
24. *Menos Obàtálá*
25. *Ele queria usar o seu poder de criação*
26. *Ele olhava para baixo*
27. *Onde estavam as águas de Olókun*
28. *Ele pensava: "nesse lugar só existe omi (água)".*
29. *Ele pensava: "eu poderia criar algo ali"...*

(MARTINS, Luiz L.. Obàtálá e a criação do mundo, São Paulo, 2018, p.24-31)

Dada a força representativa que têm os versos originais do mito da criação do mundo iorubá para este trabalho, julguei relevante apresentar trechos do mito como epígrafes em cada espaço de discussão. Acredito que serão capazes de ilustrar os argumentos aqui trazidos.

O ambiente que estamos prestes a adentrar é construído por imagens enormes e sagradas, assim como tantos outros limiares espirituais que ainda vivem na memória humana. Por tanto, acredito que preciso deixar claro que minha intenção passa muito longe da tentativa de fazer qualquer tipo de equivalência ou comparação. Todas as

entidades das quais ousarei falar têm existência própria e perderíamos muitíssimo de suas riquezas essenciais se tentássemos reduzi-las e unificá-las.

Neste trabalho, pretendo me ater às qualidades e características que cada uma das mitologias aqui apresentadas carregam relacionando-as aos processos de desenvolvimento descritos pela antropologia antroposófica de Rudolf Steiner, na intenção de identificar possíveis benefícios no trabalho com a mitologia iorubá como alimento anímico-espiritual para a criança do quarto ano Waldorf.

Começamos do princípio. Se no início, só existia o som primordial, a minha narrativa também tem seu início através do som. Pela música. Nascida na cidade de Salvador, na Bahia. Filha de músico. Eu cresci nos tempos de ouro do Axé Music. Vivi a ascensão deste gênero musical composto de diversas vertentes, todas elas com base nos toques de orixá. Quando eu nasci, meu pai era engenheiro de áudio de uma banda que pouco tempo depois se tornaria muito famosa no país inteiro. Trabalhava no carnaval, fazia muitos shows e eu, muito pequena, o acompanhava carregada por minha mãe. As vezes, a noite, ele pegava o violão e tocava. Cantávamos em casa e a música nos unia por horas a fio. Lembro que por volta dos 5 anos de idade meu sonho era ser cantora e minha maior referência era Daniela Mercury. Ela me encantava quando dançando os “toques do afoxé” e dizia que “o canto dessa cidade sou eu”. Não atoa eu me intitulava Manuela Mercury neste período. Na companhia do meu primeiro gravador, segurava o meu microfone e soltava a voz tardes a dentro na sala de casa. Assim fui sendo moldada, pelas mãos invisíveis do Axé música e do Axé energia vital do pedaço de terra onde nasci, Salvador.

Recorto para 2015, já aos 25 anos. Tenho meu encontro com a Antroposofia e a Pedagogia Waldorf. Neste ponto da minha biografia eu trabalhava como professora de inglês e caminhava a procura da minha trilha espiritual. Dizem por aí que o encontro com a Antroposofia, para alguns, ressoa como um reencontro. E assim foi comigo. Cada palavra que ouvia e lia me traziam mais certeza de que era por ali. O primeiro livro que comprei foi A Missão das Almas dos Povos e, logo nas primeiras páginas, está posta a seguinte meditação:

Ó espírito do meu espaço da Terra  
Revela a luz da Tua idade  
À alma imbuída do Cristo,  
Para que, empenhando-se, ela possa encontrar  
No coro das esferas da paz,

A Ti – ressoando de louvor e poder  
O sentido do Homem devotado ao Cristo. (STEINER, 2014, p.9)

Confesso que naquela ocasião, muito pouco entendi com o intelecto, mas a maneira que meu coração palpitava enquanto fazia a leitura foi reveladora.

Desde o início eu procurei entender o porquê de tão poucas iniciativas antroposóficas fincarem os pés em chão soteropolitano, visto que as instituições que hoje se inspiram na antroposofia estão situadas, em sua grande maioria, na região metropolitana e municípios mais ao norte. Na capital, algumas tentativas foram feitas, mas em geral, perderam força no correr de um tempo não muito longo. As palavras da meditação de abertura do livro mencionado me deram uma pista e devagar fui me aproximando de perguntas que hoje são grandes temas de minha vida. O ciclo anual e as festas cristãs se tornaram meu foco de estudo. Rapidamente percebi a relação entre as quatro grandes celebrações (Natal, Páscoa, São João e Micael), as estações do ano e suas respectivas características naturais como diz Steiner:

Quando um homem olha atentamente com seus olhos físicos e seus outros sentidos ao seu redor, ele percebe o ambiente físico da Terra e os vários reinos da natureza dentro dela. Este é o meio em que acontece tudo o que se manifesta como vento e clima ao longo do ano. Quando direcionamos nossos sentidos para o mundo externo, temos tudo isso diante de nós: esses são os fatos externos. Mas por trás da atmosfera, a atmosfera iluminada pelo sol, existe um outro mundo, perceptível pelos órgãos espirituais, como podemos chamá-los. Comparado com o mundo dos sentidos, este outro mundo é um mundo superior, um mundo onde uma espécie de luz, uma espécie de luz espiritual ou luz astral, existência espiritual e feitos espirituais brilham e seguem seu curso. (STEINER, 1923, p.1)

Mais ao sul do Brasil, onde a Antroposofia se estabeleceu inicialmente, ainda existe uma certa relação de similaridade, ainda que em espelhamento e menor intensidade, com o que se entende pelas características das estações do ano. Aqui no litoral norte da Bahia, não. Esse foi o estopim para que eu chegasse ao questionamento sobre a maneira que estávamos perpetuando práticas e compreensões que não necessariamente contemplam a nossa realidade e, talvez, este seja um fator de afastamento entre a Antroposofia e a nossa terra. E o que fazemos com isso? Para mim não era uma opção aceitar que a Antroposofia conversa com alguns territórios apenas ou até que a linguagem e as imagens antroposóficas eram universais, mas raramente traziam como referência algo que se aproximasse das manifestações culturais e espirituais as quais me reconheço.

Se estudarmos o Hemisfério Sul e as línguas de lá e depois virarmos a cadeira e examinarmos o firmamento sul, nossa experiência será totalmente diferente daquela que teríamos se fizéssemos a mesma coisa no Hemisfério Norte. Isso significa que poderíamos desenhar um mapa dos céus estrelados acima de nós e, a partir de nosso estudo da conexão entre as estrelas e a linguagem, poderíamos dizer qual idioma é falado sob uma determinada constelação. (STEINER, 1922)

Me inteirando dos poucos registros onde Steiner fala sobre o hemisfério sul, a exemplo da citação a cima, minha pesquisa empírica me liderou por duas estradas complementares: observação da natureza e aprofundamento do estudo das imaginações das festas cristãs e reconexão com minhas vivências tradicionais locais e familiares. Fui buscar nos festejos do 02 de fevereiro em homenagem a Iemanjá, no Carnaval e seus ritmos significativos, no Caruru de Cosme e Damião que minha avó oferecia em promessa aos santos pela saúde de meu tio, nas lapinhas de Natal que minha bisavó montava anualmente, na culinária sagrada de toda sexta-feira que é oferecida em qualquer restaurante da cidade invariavelmente (caruru, vatapá, xinxim de galinha etc.), no costume de vestir branco na sexta-feira por que é dia de Oxalá, na lavagem da escadaria da igreja do Bonfim que mobiliza toda a cidade numa caminhada rica em sincretismo, respeito e principalmente fé, e encontrei. Encontrei exatamente o que procurava. Ancestralidade, identidade e verdade. Fui me apropriando de minha própria história e vivência natural, assim como Steiner pontua ser essencial no trecho abaixo:

Pois quanto mais o materialismo irrompeu sobre a humanidade, tanto menos as pessoas se sentiram atraídas para iluminação ou coisa semelhante. E aquilo que é de particular importância para a humanidade do presente, naqueles tempos – nos tempos da iluminação, que ainda permanecem inconscientes para as pessoas –, isso era então conduzido rumo à época do outono. É aí que se encontra o ponto onde o Ser Humano tem que penetrar no conhecer-a-natureza, onde deve aprender o conhecer-a-natureza como imagem reflexa de um conhecer-o-espírito-divino. [...] ‘como pode ser encontrado no glorioso conhecer-a-natureza atual o conhecer-o-espírito? Como metamorfosear os conhecimentos da natureza para que o Ser Humano tem como conhecimento da natureza lhe venha a ser conhecimento do espírito?’ Em outras palavras: como pode ser vencido aquilo que se corresse em si mesmo, teria que enredar o Ser Humano com o sub-humano? (STEINER, 1923, p.57)

Em 2018 assumi minha primeira turma como professora de classe e também ingressei no seminário de Formação em Pedagogia Waldorf. Nesta encruzilhada tomei coragem para experimentar novas práticas no ambiente da sala de aula e até ampliá-las

para a comunidade escolar. Ainda de maneira singela, já buscava trabalhar a percepção da passagem das estações do ano, no segundo ano Waldorf, a partir das mudanças claras que o mar apresentava, já que aqui a vegetação não era um referencial tão obvio quanto o estereótipo clássico (queda das folhas no outono, secura no inverno, florada na primavera e colheita no verão) e porque cresci literalmente dentro do mar, surfando e entendendo as nuances que as águas salgadas nos impunham em cada período do ano. Numa segunda oportunidade de trabalhar com o segundo ano, com muita coragem e vontade, abri mão da clássica imagem do Senhor do Tempo nesta época e decidi ter Iemanjá como grande regente dessas alterações que nos revelavam a passagem do tempo pela mudança do mar e da paisagem complexa da praia bem como regente das fases da lua.



**Figura 2: Desenho em giz de lousa por Manuela Silveira para a época do tempo em fevereiro 2020**

Foto: Manuela Silveira

Ao me preparar para chegar com minha turma no quarto ano Waldorf, quando se convencionava ser um bom momento para as mitologias, estudando especialmente a mitologia nórdica proposta para esta série do ensino fundamental e mitologias indígenas,

compreendidas como elemento identitário para as crianças brasileiras, me deparei, graças à bagagem biográfica que carrego, com duas grandes perguntas:

a) Terá, a mitologia iorubá, o mesmo peso que as mitologias indígenas quando se propõe a representar elementos identitários no Brasil?

b) É possível identificar na mitologia iorubá as qualidades necessárias para oferecer o alimento anímico-espiritual para a criança do quarto ano Waldorf?

Steiner, em seu livro Apocalipse de João, diz que as mitologias são registros do que as pessoas, em tempos antigos, viram e viveram e, aqui, reforço algo que já foi mencionado anteriormente: cada entidade pertencente a sua correspondente mitologia tem existência própria. Por tanto, não é minha intenção fazer uma equivalência entre as histórias ou entidades, mas ressaltar as características e qualidades que são possíveis reconhecer em ambas. As mitologias guardam grandes imagens de um tempo anterior à consciência material e, por isso, são narrativas adequadas para a criança no décimo ano de vida que conquista uma compreensão do mundo similar ao que era vivenciado pelos povos antigos que descreveram essas histórias.

Há também um estado, no entanto, entre o tempo que precede uma consciência religiosa e o tempo da religião real: há uma condição intermediária. Daí derivam as mitologias, sagas, histórias folclóricas dos mundos espirituais. Dizem que é um aprendizado árido e sombrio que não tem a menor ideia de eventos espirituais reais e afirmam que todas as figuras da mitologia nórdica ou alemã, da mitologia grega com seus relatos dos feitos dos deuses são meras invenções da fantasia popular. Não são invenções, os camponeses não se entregam a tais fantasias e, se virem algumas nuvens estendidas no céu, dizem que são ovelhinhas. A verdade da questão é bem diferente. A velha saga e as histórias dos deuses são as últimas relíquias, as últimas lembranças da consciência pré-religiosa. São registros do que os próprios homens viram. (STEINER,1908)

Steiner descreve, em suas palestras em Oxford em agosto de 1922, compiladas no livro Fundamentos da Arte de Educar (2018), valores espirituais na educação e na vida social, que após os nove anos de idade a criança passa a se perguntar “como posso encontrar meu lugar no mundo?” e ela passa a distinguir a si própria da natureza. Ainda relata que devemos conduzir a criança pouco a pouco para o mundo exterior e com isso, ajudá-la em seu processo de individualização a partir do reconhecimento da identidade.

Dentro do universo antroposófico há aqueles que advogam no sentido da compreensão de que os povos originários que habitavam o território que hoje chamamos

de Brasil foram responsáveis pela preparação do corpo etérico desta terra, e este entendimento possibilitou uma abertura para o trabalho com as mitologias indígenas como complemento ao trabalho tradicional com histórias da mitologia nórdica no quarto ano. Mas, milhares de etnias indígenas aqui viviam e, assim como eram elas múltiplas já em tempos antigos, a história e a composição de nosso povo carregam esta mesma marca: a multiplicidade. Assim, outros povos - que não só o europeu -, mais tarde, trabalharam tanto quanto para a constituição de quem somos hoje e construíram aqui, a partir deste etérico ancestral e do que trouxeram carregado em suas memórias, algo muito particular e próprio de nossa terra, como os povos africanos.

Segundo a Lei 10.639/03, as escolas de ensino fundamental e médio estão obrigadas a oferecer o ensino de história e cultura afro-brasileira. Mas, para além da obrigatoriedade, me proponho a levantar reflexões sobre como as histórias da mitologia iorubá podem ser adequadas para a criança do quarto ano Waldorf tanto por considerar que ela é tão brasileira quanto as mitologias indígenas, quanto por compreender toda a contribuição que ela pode oferecer à criança desta faixa-etária que agora adentra a consciência mitológica na compreensão do mundo ao seu redor.

O que podemos perceber é que esta é uma temática que carece de estudo e debate para instrumentalizar os professores que estão atuando nas escolas num país tão diverso quanto o nosso.

Neste sentido, este texto tem como objetivo geral apresentar, à luz das literaturas antropológica e sociológica, os princípios norteadores que possibilitam a inserção da mitologia iorubá no currículo do quarto ano Waldorf. Os objetivos específicos são: a) trazer um estudo acerca dos elementos históricos que evidenciam a influência efetiva dos povos africanos na construção de uma identidade própria de povo brasileiro, b) identificar as qualidades essenciais que apontem a mitologia iorubá como alternativa complementar coerente com o currículo anímico-espiritual do quarto ano na Pedagogia Waldorf.

Neste capítulo foram tratados recortes biográficos que conduziram às perguntas norteadoras, a relevância deste estudo e os objetivos do trabalho. Daremos seguimento abordando os aportes materiais que, através do currículo, auxiliam o professor Waldorf no seu planejamento e dia-a-dia com as crianças.



## 2. A criança do quarto ano Waldorf – Eu, Eles e Nós

- ...30. *Ele ficava assim muito tempo, pensando,*  
31. *Ele foi para Olódùmarè,*  
32. *Ele disse: aqui no òrun*  
33. *Ele disse: nós temos tudo o que precisamos*  
34. *Ele disse: nós temos poderes*  
35. *Ele disse: mas nunca usamos estes poderes*  
36. *Ele disse: embaixo há somente água*  
37. *Ele disse: se existisse algo firme sobre as águas*  
38. *Ele disse: poderíamos criar um mundo*  
39. *Ele disse: com seres humanos para viverem nele*  
40. *Ele disse: se eles precisarem de ajuda*  
41. *Ele disse: usaremos nossos poderes*  
42. *Olódùmarè disse: Está bem!*  
43. *Ele disse: Prepare-se!*  
44. *Obàtálá foi ver Òrúnmilà*  
45. *Ele foi consultar o oráculo*  
46. *Òrúnmilà concordou,*  
47. *Ele consultou o oráculo para Obàtálá*  
48. *Ele bateu oito vezes*  
49. *Ejìogbè foi o odù que apareceu naquele dia*  
50. *Ele disse que se ele, Obàtálá, desejasse ter sucesso*  
51. *Ele disse que ele precisava de:*  
52.1 *èwòn (corrente)*  
53.1 *ìgbín (caracol)*  
54.1 *kóró òpefá (semente da palmeira)*  
55. *Ilè òrun (terra do òrun)*  
56. *Gbogbo kóró òrun (todas as sementes do òrun)...*  
(MARTINS, Luiz L.. Obàtálá e a criação do mundo, São Paulo, 2018, p.24-31)

A Pedagogia Waldorf atua de acordo com a compreensão do desenvolvimento do ser humano em setênios, ou seja, conjunto de sete anos. A criança do primeiro setênio é aquela que está em idade para ser acolhida no que conhecemos como educação infantil, quando é preciso apresenta-la a bondade do mundo. No segundo setênio estão dispostas as séries do ensino fundamental e aqui devemos guiar a criança através da apreciação da beleza do mundo. E, a partir do terceiro setênio, quando o jovem adentra o ensino médio, é que podemos liderá-los ao encontro da verdade no mundo. Ainda que seja indiscutível que cada indivíduo cresce e se desenvolve dentro de seu próprio ritmo, há uma série de fenômenos esperados para cada idade. É com base no estudo destes fenômenos que se propõe o currículo.

No compilado de palestras aos professores da primeira escola Waldorf em 1919, Steiner descreve que é por volta do décimo ano de vida que a criança pode começar a construir a noção de si mesma e dos elementos que constituem a sua identidade. Depois de vivenciar intensamente uma ruptura com o todo, no que se chama rubicão ou crise dos nove anos, a autoconsciência se fortalece. Sua vida psíquica se interioriza e se emancipa. É por volta dos dez anos que muitos conflitos entre as crianças começam a surgir e podem até chegar ao confronto físico. Elas precisam agora aprender, no encontro com o outro, a reconhecer quem é o si mesmo e quem não é. O fluxo entre o eu e o nós é o motivo base deste ponto da biografia humana.

Assim, todo o currículo do quarto ano proporciona o fundamento para a fortificação e reconhecimento da individualidade a partir do encontro, do cruzamento. Nas artes manuais, trabalhamos com o ponto cruz; na geografia, a rosa dos ventos, os pontos cardeais e o princípio de localização espacial a partir de onde estou; na matemática, as frações, como o todo pode também se expressar em partes; na história local, o estudo dos povos que habitavam esta terra e seus costumes; nas ciências, a zoologia comparada ao estudo da anatomia humana; nos ritmos, os cânones e aberturas de vozes que ajudam na percepção de si e do grupo, etc.

Além do conteúdo programático, também foi sistematizado por Steiner e descrito por Stockmayer (1976) e Richter (2002) um currículo de conteúdo anímico-espiritual para cada série escolar. O estudo da antropologia antroposófica entende que a criança, em seu próprio desenvolvimento individual, repete os passos do processo de desenvolvimento da humanidade como um todo. Assim, compreende-se que é necessário oferecer a cada ano um conjunto de narrativas que descreva à criança algo referente ao período histórico que ela espelha em sua própria vida.

Para a criança do quarto ano, é indicada a mitologia nórdica, um conjunto de histórias rápido e que traz o caminho dos deuses para a terra de maneira divertida e com certa beleza. Os deuses nórdicos não são exatamente deuses, mas são forças da natureza e com isso a narrativa é capaz de trazer a criança para o mundo.

O caminho descrito, se bem percorrido, permite à criança uma terra riquíssima em recursos para fincar suas raízes em solos terrestres para o “ansioso aprender e trabalhar” tratados no verso da manhã. A criança que antes estava submersa e completamente amparada pelo mundo espiritual, agora precisa seguir em direção ao seu destino com suas próprias pernas. Segundo Steiner (1919), a nossa tarefa enquanto educadores destes seres

humanos, é dar continuidade ao trabalho executado até então pelos seres espirituais e proporcionar um ambiente adequado para a auto educação da criança enquanto nos educamos também a nós mesmos. “(...) a alma requer em cada idade algo bem definido; se lhe dermos outra coisa, ela reagirá de maneira desfavorável ao seu próprio desenvolvimento.” (STEINER, 2015, p.11)

Neste capítulo foi traçado um breve panorama sobre os fenômenos esperados para a criança em seu décimo ano de vida e a proposta do currículo Waldorf para esta idade. Observa-se que o cruzamento como símbolo do encontro e do confronto para a construção e reconhecimento da identidade são temas cruciais para o trabalho neste período. Sabe-se que a composição do povo brasileiro também carrega esta marca e nesta formação se destacam três grupos de povos distintos: europeus, indígenas e africanos. No próximo capítulo serão trazidos fatos históricos e discussões acerca dos povos e conhecimentos ancestrais que atravessaram o oceano desde África e aqui aportaram a partir do século XVI.

### **3. Através do Atlântico**

- ...57. Ele ouviu, ele conseguiu todas as coisas necessárias.*  
*58. Olódùmarè mandou chamá-lo,*  
*59. Obàtálá disse que já estava pronto*  
*60. Olódùmarè pegou parte Seu Àbá*  
*61. E deu para Obàtálá*  
*62. Depois Olódùmarè pegou parte de Seu Àse*  
*63. E também deu para Obàtálá*  
*64. Òrìsà-Nlá colocou o Àbá embaixo seu àketè*  
*65. E colocou o Àse no seu àpò-dídá*  
*66. Foi assim que naquele dia*  
*67. Obàtálá se tornou Aláàbálààse*  
*68. Olódùmarè então deu para Obàtálá*  
*69. 1 abo adìe elésé márùnù*  
*70. 1 eyelé funfun*  
*71. Obàtálá examinou tudo que estava dentro do àpò-dídá*  
*72. 1 corrente*  
*73. 1 concha do mar*  
*74. 1 semente da palmeira*  
*75. Ilè òrun (terra do òrun)*  
*76. Todos os tipos de sementes do òrun*  
*77. 1 galinha de cinco dedos*  
*78. 1 pombo branco*  
*79. Ele pegou a terra e colocou dentro do ìgbín*

80. *Nesse dia, todos os òrìsà estavam ali reunidos,*  
81. *Olódùmarè disse: "vou criar outro lugar"*  
82. *Ele disse: "Um lugar que será só para vocês"*  
83. *Ele disse: "Lá, vocês serão numerosos".*  
84. *Ele disse: "Cada um será um chefe"*  
85. *Obàtálá foi para o portão do òrun.*  
86. *Èsù foi à frente para abri-lo*  
87. *Quando ele chegou,*  
88. *Ele amarrou bem a corrente*  
89. *Obàtálá começou a descer pela corrente*  
90. *Ele desceu, desceu, desceu.*  
91. *Já era possível escutar o barulho das águas*  
92. *Ele chegou ao fim da corrente*  
93. *Ele retirou a concha de dentro do àpò-dídá*  
94. *E jogou a terra sobre as águas...*

(MARTINS, Luiz L.. *Obàtálá e a criação do mundo*, São Paulo, 2018, p.24-31)

A cultura africana chegou ao Brasil junto com o tráfico de escravos no período que durou desde o século XVI até o final do século XIX. Entre eles estavam grupos bantos, nagôs ou iorubás, jejes, malês e hauçás. De acordo com os dados da *The Trans-Atlantic Slave Trade Database*, estima-se que 4,8 milhões de africanos foram trazidos até aqui em mais de 9 mil travessias pelo Atlântico. Eles foram obrigados a esquecer seus nomes, suas origens, suas crenças, suas profissões, seus idiomas, suas famílias e tudo que lhes cabia do outro lado do mar.

Os povos Iorubás, hoje, estão situados em maior concentração em terras nigerianas e em menor quantidade no Togo e República do Benin. Porém, em tempos anteriores, esta população se estendia muito além do Rio Niger. Essas regiões foram testemunhas de reinados iorubás famosíssimos, mas também de terríveis atrocidades humanas. A Costa dos Escravos, como era conhecida pelos europeus, era considerada um centro para o comércio de pessoas entre os séculos XVI e XIX. Milhões de Iorubás foram trazidos para o Brasil neste período. Não lhes foi permitido trazer bagagem de mão, mas trouxeram consigo a riqueza de suas memórias.

Os africanos escravizados eram originários de diferentes reinos, etnias, tinham postos hierárquicos distintos dentro de suas organizações sociais divididas basicamente em forma de clãs, assim como descreve Diouf:

A hierarquia das castas africanas tem uma dupla origem. Ela provém primeiro do confisco do poder pelos detentores de autoridade de onde provieram os reis. Estes vão se impor a todos

pela força e considerar os outros como seus súditos. Conscientes do papel que a religião e a educação desempenham na sociedade, eles vão atribuir aos intelectuais o segundo lugar na hierarquia (DIOUF, 2018, p.243)

As relações complexas que existiam antes da chegada do colonizador não foram consideradas na alocação destes indivíduos aqui no Brasil, em verdade, eles eram afastados de seus familiares originais e vendidos para servirem como propriedade de outrem independente de quem eram, a posição social que ocupavam, quem eram seus inimigos, quais eram suas ocupações ou crenças, justamente para forçar o apagamento de suas identidades, o que facilitaria, em tese, a aceitação da condição que lhes foi imposta. Ainda assim, resistiram juntos e, para isto, precisaram consentir em hábitos, ritos, cultos, cantos. Estes foram tomando, por sua vez, cor, forma, som e sabor e configuraram uma nova comunidade, uma nova família, agora unida em um novo solo também.

As tradições vindas de além-mar e que aqui encontraram morada são vistas, sentidas e vivenciadas em incontáveis âmbitos de nossas vidas. Desde a roupa que vestimos, a maneira como a língua do colonizador, o português, é pronunciada, a comida que comemos, a música que ouvimos e produzimos, como nos relacionamos com o mundo e entre nós, como celebramos nossas festividades, nossas crenças e etc. Dito isto, fica claro que se faz necessário assumir como tarefa de nossa geração reconhecer aquilo que nos rodeia, nos permeia e nos forma enquanto seres individuais e pertencentes a um povo, pois esta memória guarda aqueles ancestrais que tiveram sua identidade roubada.

As histórias sagradas destes povos também tomaram nova forma. Cada indivíduo sustentava o que lhe era possível dentro de suas lembranças do que um dia vivera em sua terra mãe. Com isso, suas entidades ganharam elementos que poderiam ser percebidos a partir da nova referência geográfica. Alguns orixás, seus deuses, receberam novas características e passaram a reger reinos da natureza diferentes dos que originalmente eram regentes. Iemanjá, considerada no Brasil rainha do mar, por exemplo, em África é a senhora do Rio Ogun. Sua saudação até hoje repetida, Odoyá (Odò – rio Ìyá – mãe), faz referência a ele como registra Pierre Verger, 1996, no livro *Dieux D'Afrique: Culte Des Orishas Et Vodouns a L'Ancienne Cote Des Esclaves En Afrique Et a Bahia, LA Baie De Tous Les Saints Au Bresil*:

Iemanjá é o orixá dos Egbá, uma nação iorubá estabelecida outrora na região entre Ifé e Ibadan, onde existe ainda o Rio Yemanja. As guerras

entre nações iorubás levaram os Egbá a emigrar na direção oeste, para Abeokuta, no início do século XIX. Não lhes foi possível levar o rio, mas transportaram consigo os objetos sagrados, suportes do axé da divindade. O Rio Ògùn, que atravessa a região, tornou-se, a partir de então, a nova morada de Iemanjá. Este Rio Ògùn não deve, entretanto, ser confundido com Ògún, o orixá do ferro e dos ferreiros. (VERGER, 1996)



**Figura 3: Iemanjá em ponto cruz por Manuela Silveira**  
Foto: Manuela Silveira

Esta é uma informação essencial para a construção desta proposta. As inúmeras transformações sofridas pelas limitações individuais, pelas conceções feitas nas senzalas, pelas adaptações geográficas e pelas mais variadas razões foram capazes de fazer brotar de solo, água, ar, fogo e mata brasileiros uma mitologia própria; inegavelmente com as raízes na África, mas florescendo do outro lado do Atlântico como se quisesse (re)unir os continentes que foram separados em tempos passados. De acordo com Arzoli (2016) “é pertinente considerarmos que cada religião é fortemente influenciada pelo lugar geográfico de seu surgimento. A teogonia é formatada e configurada por essa realidade”.

Este tópico foi dedicado aos argumentos históricos que trazem à tona a necessidade de reconhecermos os povos africanos como essenciais para a constituição de uma identidade brasileira. Os fundamentos referentes à mitologia sugerida como aporte

espiritual para o quarto ano Waldorf, as reflexões em torno das necessidades da criança de dez anos e as qualidades encontradas nos mitos iorubanos, trataremos nas linhas que se seguem.

#### **4. Mitologias Nórdica e Iorubá: diálogo de deuses - o currículo Waldorf assentado em terras brasileiras**

- ...95. Quando a terra do òrun caiu na água*  
*96. Ela fez um grande barulho*  
*97. Obàtálá disse: Àse!*  
*98. Ele pegou a galinha dentro do àpò-dídá*  
*99. E jogou-a sobre a terra*  
*100. Quando a galinha pisou na terra*  
*101. Ela começou a ciscar,*  
*102. Ela espalhou a terra em todas as direções*  
*103. Obàtálá pegou o pombo e o soltou*  
*104. Ele voou, voou, voou,*  
*105. Ele pode ver que a terra já estava se expandindo*  
*106. Obàtálá jogou a semente de palmeira na terra*  
*107. Obàtálá estava contente*  
*108. Ele havia terminado a primeira parte do trabalho*  
*109. Ele começou a subir para voltar ao òrun*  
*110. Quando ele chegou*  
*111. Ele foi recebido com festa,*  
*112. Todos estavam felizes.*  
*113. Obàtálá foi ver Olódùmarè*  
*114. Ele disse que o trabalho foi um sucesso,*  
*115. Agora já existia ilè sobre as águas*  
*116. Olódùmarè disse: boom!*  
*117. Ele enviou Agemo*  
*118. Para ver se a terra estava seca,*  
*119. Ele desceu pela corrente*  
*120. E pulou na terra cuidadosamente*  
*121. Ele andou sobre ela muito vagarosamente,*  
*122. Mas a terra ainda não estava seca*  
*123. Ele voltou e disse para Olódùmarè*  
*124. Que a terra ainda não estava seca...*

(MARTINS, Luiz L.. Obàtálá e a criação do mundo, São Paulo, 2018, p.24-31)

De acordo com o projeto pedagógico elaborado pela Seção Pedagógica do Goetheanum e pelo Centro de Pesquisas Pedagógicas da Federação das escolas Waldorf Livres de 1999, a mitologia nórdica dos povos antigos da região da Escandinávia é indicada como alimento anímico para a criança de dez anos. As narrativas deste grupo de

histórias são cheias de aventuras, fantasia, batalhas e um universo riquíssimo em imagens fantásticas.

Os povos escandinavos viviam na região onde hoje se localizam a Suécia, Noruega, Islândia e Dinamarca. Eram cercados de uma natureza exuberante, porém extrema e gélida. A mitologia que nasce ali deixa bastante evidente a relação que estes povos tinham com o mundo natural e seus reinos. Cada deus tinha sua força intimamente ligada aos fenômenos naturais.

Curiosamente, numa região muito distante em latitude, mas dentro do mesmo meridiano e de longitude muito parecida, povos Iorubás viviam em comunhão com suas crenças, assim como ilustra o mapa abaixo (figura 4). Apesar de biomas completamente distintos, esses dois povos assimilaram as mensagens do céu de maneira bastante similar, ainda que reservando suas particularidades.



**Figura 4: Mapa mundi destacando em vermelho países escandinavos e em amarelo países de onde saíram os povos iorubás para o Brasil, junho de 2022**

Fonte: autor desconhecido e marcações da autora

Este texto não pretende se ater aos detalhes de cada cosmogonia, apesar de encontrar muitas semelhanças nos detalhes, mas pretende apontar as características que são relevantes para justificar o trabalho com a mitologia iorubá como alimento anímico-espiritual para a criança do quarto ano Waldorf.

Para ilustração e melhor compreensão do argumento, disponibilizo como anexos um pequeno acervo de histórias da mitologia iorubá e cantigas de orixá. Cada orixá e a força da natureza a qual representa se relaciona com um dos quatro elementos naturais.



Por isso, os anexos foram divididos em quatro categorias: fogo (anexo 1), terra (anexo 2), ar (anexo 3) e água (anexo 4) e estão identificados a partir dessa organização e não por ordem em que aparecem no texto.

As histórias nórdicas foram compiladas em um texto conhecido pelo nome de *Edda*, que significa bisavó. Este texto era composto por poemas que narravam desde a criação do mundo até o período pós apocalíptico. Originalmente, estas histórias foram contadas oralmente através da figura do *Skald*, um poeta que viajava pelos vilarejos cantando e contando as histórias dos deuses. Os *Skalds* eram muito respeitados e tinham muito prestígio social. Geralmente vinham de famílias importantes e conceituadas. Da mesma maneira, os *itans* iorubás eram contados através da tradição oral, dos mais velhos para os mais novos, também em forma de poemas, os *Ese-Ifá*, a exemplo do poema da criação do mundo apresentado neste trabalho em forma de epígrafe. Foram registrados muito mais tarde em documento escrito como traz Reginaldo Prandi no trecho abaixo:

Os mitos dos Orixás originalmente fazem parte dos poemas oraculares cultivados pelos babalaôs. Falam da criação do mundo e de como ele foi repartido entre os orixás. Relatam uma infinidade de situações envolvendo os deuses e os homens, os animais e as plantas, elementos da natureza e da vida em sociedade. (PRANDI, 2001, p.24)

Tanto deuses nórdicos quanto orixás são divindades descritos com características físicas humanas, além de possuírem sensações, emoções e atitudes próximas da humanidade. Esta característica difere muito da perspectiva do deus hebraico perfeito que é apresentado para a criança do terceiro ano. Esses deuses e orixás se relacionam entre si, casam, têm descendentes, brigam, disputam, se vingam e governam com grande intensidade.



**Figura 5: Oxumarê em giz de lousa por Manuela Silveira, março de 2022**  
Foto: Manuela Silveira

Os *itans*, assim como as histórias nórdicas, não respeitam uma ordem cronológica clara. Seu conteúdo conta muito mais sobre situações que, guardados os elementos mágicos específicos que retratam, ensinam não só sobre a criação do mundo (anexo 4), como também dão fundamentos para o desenvolvimento de uma consciência moral através dos conflitos aos quais as entidades em questão estão envolvidas e como se resolvem.

Podemos encontrar a presença grandiosa do freixo chamado *Ygdrasil*, no contexto da mitologia nórdica. Ela é quem sustenta toda a vida e a existência neste universo. Para os iorubá, a árvore sagrada chama-se *Iroko* (anexo 2). Foi através dela que desceram todos os orixás para a terra, a primeira árvore plantada no *ayê*. Rege o tempo e a ancestralidade. Assim como a *Ygdrasil*, *Iroko* tem raízes fincadas nas profundezas e copa muito alta que atinge até o *Orum*, céu. Mesmo os orixás faziam oferendas ao pé do *Iroko* quando precisavam de alguma intercessão maior para suas questões.

*Odin*, o Pai do Todo, para os nórdicos, depois de um período que poderia ser considerado um processo iniciático, recebe como revelação a sabedoria das runas. Ainda hoje elas são usadas como oráculo pelos iniciados em seus mistérios. O alfabeto rúnico e

sua sabedoria carregam em si a força e o poder da palavra. Na mitologia iorubá, foi Exu (anexo 1) que, depois de visitar dezesseis lugares e coletar histórias, *odus*, de cada um, foi capaz de trazer para o *Orum* e para os homens o oráculo de *Ifá*. Exu é o guardião da comunicação, da palavra, da linguagem.

Na mitologia nórdica os deuses assumem diferentes formas e nomes a depender de onde e de qual função estejam assumindo em dada história. Leia um trecho onde isto se evidencia:

“Odin chama-se Pai-do-Todo quando a divindade suprema fala através dele. Quando vem pelo caminho, pode chamar-se Wegtam, o que significa “Aquele que sabe acerca do caminho”. Se caminhou longamente e chegou ao palácio pode chamar-se Ganglere. Sua linguagem é cheia de enigmas e símbolos. Gosta de testar se aqueles com quem se encontra sabem diante de quem estão. Ele próprio não revela seu verdadeiro nome. Chama-se Hangagott (deus dependurado), porque esteve pendurado durante nove noites na “árvore agitada do vento”. (LINDHOLM, 1992, p.12)

O mesmo pode ser observado nos *itans*. Especialmente aqui no Brasil, é entendido que os orixás possuem diferentes qualidades e, a depender de quais características e de como eles estejam agindo, eles são reconhecidos por um nome diferente. Vejamos o que nos conta Prandi sobre *Oxóssi* na citação a seguir, a história completa encontra-se disponível no anexo 2.

O caçador recebeu honrarias e metade das riquezas do reino. Os caçadores presos foram libertados e todos festejaram. Todos cantaram em louvor a Oxotocanxoxô. O caçador Oxô ficou muito popular. Cantavam em sua honra, chamando-o de Oxóssi, que na língua do lugar quer dizer “O Caçador Oxô é Popular”. Desde então Oxóssi é o seu nome. (PRANDI, 2001, p.113)

Por fim, um dos temas mais importantes a ser abordado pela mitologia proposta para o quarto ano Waldorf, é o afastamento entre os seres humanos e os deuses. As duas mitologias tocam esta questão de maneira distinta, mas carregando o elemento central que é a necessidade de a humanidade encontrar seu próprio destino na Terra.

A mitologia nórdica conta sobre o terrível assassinato do deus *Baldur* que dá início aos acontecimentos que culminam na morte de quase todos os habitantes de *Asgard*. Restam apenas os germes do futuro escondidos no madeirame da *Ygdrasil* e eles darão início a uma nova era.

Na mitologia iorubá, os orixás também não escapam da morte e sempre que recebem uma nova oportunidade de viver, retornam transformados (anexo 2). Alguns *itans* também contam sobre um ataque de fúria em que *Obatlá*, depois que um casal de humanos quebra o acordo feito entre eles, separa o *orum* do *ayê*, fazendo com que os orixás a partir de então residissem apenas no *orum* e os humanos ficassem confinados no *ayê*, não mais podendo transitar livremente entre os dois mundos (anexo 3).

Aqui foram apresentadas os elementos e características que podem ser observados tanto na mitologia nórdica quanto na mitologia iorubá e que têm uma relevância para a sua utilização como alimento anímico para a criança do quarto ano Waldorf. No capítulo seguinte, serão descritas as considerações finais relacionando cada um dos elementos levantados aos processos de desenvolvimento vivenciados pela criança de dez anos.

## 5. Considerações finais – Orin, mensagens do céu

- ...125. *Eles esperaram mais um pouco*  
126. *E enviaram Agemo novamente*  
127. *Ele veio, ele inspecionou de novo a terra.*  
128. *Ele voltou e disse para Olódùmarè*  
129. *Que a terra já estava seca*  
130. *E que a semente de palmeira já havia brotado*  
131. *Olódùmarè chamou Obàtálá novamente*  
132. *E deu a ele Seu òpásóró*  
133. *De forma que Obàtálá veio a ser Igbákejì Olódùmarè*  
134. *Assim Obàtálá poderia usar os seus poderes*  
135. *De acordo com a sua própria vontade.*  
136. *Olódùmaré deu agora para Obàtálá, o èrìndínlógún*  
137. *E deu a ele vários tipos de sementes:*  
138. *As sementes iré, awùn e dòdo*  
139. *Assim, os trabalhos da criação...*  
140. *Permitiriam a Obàtálá,*  
141. *Criar todos os seres humanos*  
142. *E as espécies que povoariam o mundo*  
143. *Árvore, plantas, ervas, animais, aves, peixes, etc.*  
144. *E todos os tipos humanos.*  
145. *Foi assim que ele aprendeu,*  
146. *E foi enviado para realizar estes trabalhos,*  
147. *Ele colocou tudo dentro do àpò-dídá*  
148. *E iniciou a descida novamente*  
149. *Quando ele chegou ao fim da corrente*  
150. *A palmeira já havia crescido*  
151. *Ela estava encostada na corrente*

*152. Obàtálá desceu através da palmeira*

*153. Ele foi o primeiro Òrìsà a pisar na terra*

*154. No lugar que ele pisou,*

*155. Ele disse: ilè nfè*

*156. Obàtálá viu que a terra já havia se espalhado*

*157. Ifè Òódáyè veio a ser o nome desse lugar*

*158. Ele pegou as sementes no àpò-dída.*

(MARTINS, Luiz L.. Obàtálá e a criação do mundo, São Paulo, 2018, p.24-31)

Este trabalho teve como objetivo apresentar os argumentos que justificam o reconhecimento dos povos africanos como fundamentais na formação da identidade brasileira, e também revelar que as qualidades requeridas para as mitologias a serem trabalhadas no currículo do quarto ano Waldorf podem ser encontradas na mitologia iorubá.

Ao longo do estudo e pesquisa realizados para a construção deste texto, não foi possível encontrar, na literatura utilizada como referência, nenhum registro onde Rudolf Steiner indica ou sugere objetivamente a mitologia nórdica como alimento anímico para a criança em seu décimo ano de vida. Em *A Arte da Educação III, Discussões Pedagógicas* 1919, foi possível encontrar, no primeiro colóquio, uma indicação de narrativas com caráter mais geral. Fala sobre os contos de fada para o primeiro ano, as fábulas para o segundo e as histórias do velho testamento para o terceiro. Mas, a seguir, o registro diz “cenas da história antiga” e prossegue com indicações para os próximos anos.

Com isso, identifica-se a necessidade de aprofundar a pesquisa acerca desta questão para elucidar a origem da prática tradicional de se contar os mitos nórdicos no quarto ano e nasce uma nova pergunta: O uso dos mitos nórdicos como alimento anímico no quarto ano Waldorf foi uma proposta direta de Rudolf Steiner ou teriam os professores das primeiras iniciativas educacionais elaborado esta indicação?

Ainda que a indicação não tenha partido diretamente de Steiner, sem dúvidas ela não surgiu sem uma profundidade de pesquisa e trabalho, especialmente levando em consideração a grande quantidade de palestras dadas por ele sobre os fatos esotéricos que revelam este conjunto de histórias. Mas, como pesquisadora contemporânea comprometida com a Antroposofia, entendo que precisamos ser atuantes e proativos quanto a pesquisa espiritual baseada na Ciência Espiritual e talvez possamos ser capazes de encontrar alternativas importantes para o trabalho pedagógico em nosso tempo.

Assim, este trabalho apresenta suas considerações finais, reconhecendo suas limitações, mas com o impulso de continuidade no futuro breve.

É inegável que muitos - para não dizer todos - povos assimilaram as mensagens do céu de acordo com suas condições de interpretação e identificação e traduziram-nas em imagens que remetem a sua própria realidade. Com isso, podemos encontrar os elementos essenciais que dizem respeito aos mistérios da criação do mundo e da relação entre os homens e os seres espirituais retratados em todas elas. Ainda assim, é importante dizer que as mitologias carregam qualidades específicas e algumas podem ser mais indicadas para uma idade ou outra.

Em se tratando da criança em seu décimo ano de vida que busca a si mesma a partir dos encontros e confrontos que tece com o outro, podemos entender que as histórias que retratam estes tipos de relações com maior intensidade, poderiam conversar de maneira mais fluente com sua consciência. Desta forma, tanto a mitologia nórdica quanto a mitologia iorubá podem oferecer este elemento.

A interdependência que têm deuses nórdicos e orixás com os elementos da natureza também tocam um aspecto de extrema relevância. A criança a partir daqui será apresentada a sua própria constituição física e ao entendimento de seu próprio corpo a partir das relações que ele tem com os outros reinos.

A criança desta idade também passa a usar as palavras de maneira mais interiorizada do que antes e compreende que são algo muito íntimo. As histórias de *Odin* e a revelação das runas, bem como o *itan* que retrata como Exu trouxe o oráculo de *Ifá* podem servir de arcabouço para este movimento interior que a criança passa a fazer agora. Isto pode ser reforçado pela tradição oral e pela estrutura de versos em que ambas mitologias originalmente eram transmitidas a seus povos pela figura de algo como um mestre e ainda a relação sagrada que tinham ambos os povos com o canto e com a música.

A postura ereta das árvores *Iroko* e *Ygdrasil* e como elas penetram suas raízes nas profundezas e ao mesmo tempo tocam o mais divino do céu com sua copa dando sustentação para a existência de tudo que há, nos remete a possibilidade de que o ser humano precisa, diferente dos animais, se colocar em verticalidade sobre a terra e, com as mãos livres, a partir de sua própria vontade e da inspiração que recebe do seu Eu superior, trabalhar e oferecer o produto do seu trabalho para o outro, para a sua comunidade e para o mundo.





**Figura 6: Festa no terreiro em aquarela por Manuela Silveira para vídeo em *stop motion* do teatro “A menina do Candeeiro” em julho de 2021**

Foto: Manuela Silveira

O crepúsculo dos deuses nórdicos ou a separação entre o *orum* e o *ayê* na mitologia iorubá também ocupam um lugar de destaque nos temas de maior relevância a serem retratados neste ano letivo. A criança de dez anos passa por uma mudança no estado de consciência que a coloca diante do mundo a partir de uma perspectiva de separação e identificação, conceitos aparentemente paradoxais, mas complementares. Nesta construção entre o mundo e eu, é preciso perceber os limites que anteparam aquilo que compreendo por mim mesmo. Quando me reconheço, posso também me relacionar com o que me é igual e me deslocar do que me é diferente. Concebe-se então a identidade.

Assim, a mitologia iorubá ainda é capaz de atuar neste âmbito, da construção da identidade, mas para isto, é preciso reconhecer que o que foi trazido nos navios negreiros renasceu, e nasceu então aqui um tanto rico e próprio de sabedorias ancestrais que falam muito sobre quem somos nós.

Segundo Steiner (1907) é através das qualidades comuns de nossos corpos etéricos que somos capazes de nos reconhecer e compreender. Através destas qualidades comuns

construímos comunidades que compartilham hábitos, ideias, comportamentos, símbolos, valores e significados, ou seja, compartilhamos identidade cultural. Em outras palavras, poderíamos dizer que a identidade cultural está associada a maneira como um grupo de pessoas consegue assimilar as mensagens que são enviadas do céu e transformá-las em prática cotidiana coletiva.

No iorubá, *orin* é o nome dado às cantigas que fazem conexão entre o mundo espiritual e o mundo material. É através do diálogo entre o *ogã* (aquele que toca o atabaque) e o orixá manifesto que o céu conta aos que têm ouvidos para ouvir o que os deuses têm para dizer ainda nos dias de hoje. Este conhecimento precioso pode nos ensinar muito sobre o que deveríamos ter em mente no trabalho com as mitologias que oferecemos à criança do quarto ano. Devemos assegurá-la, assim como o faz o camaleão de *Obatalá*, que ela pode pisar em sua própria terra, pois ela é firme para isto. Mas, também devemos encantá-la para que guarde o céu no coração e para que seja capaz, em tempo, de transformar esta terra em que vive.

Em A educação da criança segundo a Ciência Espiritual, Steiner discorre sobre como a vida dos sentimentos aperfeiçoa-se quando o jovem se aprofunda nos mistérios e nas belezas da natureza. Ainda ressalta que o elemento musical comunica ao corpo etérico, aquele que guarda a memória, o ritmo que o permitirá sentir a melodia oculta em todas as coisas. Isto exposto e ainda levando em consideração tudo que aqui foi dito sobre a musicalidade tanto oral, através dos poemas sagrados, quanto nas cantigas dos orixás e nas músicas tradicionais nórdicas carregadas pelos *Skalds*, concluo este trabalho, inconcluso, incompleto e esperançoso, com música. Deixo aqui, então, uma das músicas contemporâneas que retratam um pouco da atmosfera do meu lugar na terra:

*Nessa cidade todo mundo é d'Oxum  
Homem, menino, menina, mulher  
Toda essa gente irradia magia  
Presente na água doce  
Presente na água salgada  
E toda cidade brilha  
Seja tenente ou filho de pescador  
Ou um importante desembargador  
Se der presente é tudo uma coisa só  
A força que mora n'água  
Não faz distinção de cor  
E toda cidade é d'Oxum  
É d'Oxum*



## 6. Referências

1. ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia Poética**. 48.ed., Record, Rio de Janeiro, p. 352.
2. ASÉ, série documental – Parte I. Produção: Vanessa Ferreira. Mogi das Cruzes – SP. (56min) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SXl6-g2vf1c&t=120s>>
3. AZORLI, Diego Fernando Rodrigues. **Ecos da África Ocidental: o que a mitologia dos orixás nos diz sobre as mulheres africanas do século XIX** - Dissertação Mestrado em História – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2016.
4. BRASIL, **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília - DF. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm) > . Acesso em:
5. CANTIGAS de Orixás: “Pesquisa sobre musicalidade e religiosidade afro-brasileira”. Direção: Isley Borges. Uberlândia – MG. 2018 (46min). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=a1\\_YctnwSeY](https://www.youtube.com/watch?v=a1_YctnwSeY)>
6. D' AULAIRES. **Destino dos deuses**, s/ local, s/data, material de apoio ao professor Waldorf
7. DIOUF, Bnejamin. Estratificações sociais na África antiga: desempenhos e estagnações 20.11.2018, Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.4, n.1, p. 243
8. FRANCO, Luciana Sapia. **Os dezesseis orixás como imagem na Pedagogia Waldorf**, São Paulo, 2013
9. GALVÃO, Lucia Helena. Mitologia Nórdica, Palestra Nova Acrópole, 2014 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AR4FCX5o0Cc&list=LLp2hfttmQ3YVmm509xhy28Q&index=85&t=3047s>> Acesso em:
10. GUERRA, Melanie Mangels; BASEIO, Maria Auxiliadora Fontana . **A arte narrativa na Pedagogia Waldorf: Mitologia Nórdica, imaginário e educação**, Editora terceira margem, Copyright © 2021 Faculdade Rudolf Steiner, Revista Jataí

11. LINDHOLM , Dan. Deuses e gigantes da mitologia nórdica, Criação do mundo, Narrações extraídas da “Edda”, 1992, s/local, material de apoio ao professor Waldorf
12. MARTINS, Luiz L. **Obàtálá e a criação do mundo**, segunda edição, São Paulo, 2018, p.24-31
13. ORIN, Música para os Orixás. Pesquisa, roteiro, direção e montagem: Henrique Duarte. Produção executiva: Daniela Duarte e Letícia Campos. Distrito Federal. 2018 (74min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hL-A29ILa5Y>>
14. PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**, Companhia das Letras, 1ª edição, 2001 São Paulo
15. RICHTER, Tobias. **Objetivo pedagógico e metas de ensino de uma Escola Waldorf, Federação das Escolas Waldorf no Brasil**, São Paulo 2002.
16. SANKOFA – a África que te habita, série documental. Criação e Produção: FBL. Netflix, 2020
17. Seção Pedagógica do Goetheanum e Centro de Pesquisas Pedagógicas da Federação das Escolas Waldorf Livres. Para a estruturação do ensino do 1º ao 8º ano nas Escolas Waldorf -/ Rudolf Steiner, Federação das Escolas Waldorf no Brasil, São Paulo 1999.
18. STEINER, Rudolf . O apocalipse de João, Nuremberg 17.06.1908, GA 104, disponível em: <[https://rsarchive.org/Lectures/GA104/English/APC1958/ApoJon\\_index.html](https://rsarchive.org/Lectures/GA104/English/APC1958/ApoJon_index.html)> Acesso em: 10mar2022
19. STEINER, Rudolf. A origem da fala e da linguagem, Dornach 2.08.1922, GA 347, disponível em <[https://rsarchive.org/Lectures/OriLan\\_index.html](https://rsarchive.org/Lectures/OriLan_index.html)> Acesso em: 10mar2022
20. STEINER, Rudolf. A vivência do ano em quatro imaginações cósmicas, Dornach 5.10.1923a, GA 229, p.1, s/local
21. STEINER, Rudolf. O co-vivenciar do curso da natureza nos Mistérios antigos; a Festa de Micael como celebração da coragem da alma, Dornach 8.04.1923b, GA223, Sociedade Antroposófica do Brasil, 2006 São Paulo
22. STEINER, Rudolf. Missão das Almas dos Povos, Palestra de 13.9.1914, GA 174ª, editora Antroposófica, 2014 São Paulo, p.9
23. STEINER, Rudolf. **A educação da criança segundo a Ciência Espiritual**, editora Antroposófica, 5ª edição, São Paulo 2012, p.44

24. STEINER, Rudolf. **As origens do Pai-nosso, considerações esotéricas**, editora Antroposófica, 6ª edição, São Paulo 2014, p.22
25. STEINER, Rudolf. **Educação na puberdade: o ensino criativo**, editora Antroposófica, 2015 São Paulo, p.11
26. STEINER, Rudolf. **Mito e Ciência GA 177 - A queda dos Espíritos das trevas. Palestra X - A influência dos anjos atrasados- Dornach, 20 de outubro de 1917** Disponível em <[https://rsarchive.org/Lectures/GA177/English/RSP1993/FalDar\\_index.html](https://rsarchive.org/Lectures/GA177/English/RSP1993/FalDar_index.html)>. Acesso: 22mar2022
27. STEINER, Rudolf. **Fundamentos da Arte de Educar, valores anímico-espirituais na educação e na vida social**, GA305, editora Antroposófica, 2ª edição, São Paulo 2018, p.11
28. STEINER, Rudolf. **Arte de Educar I - Antropologia Geral**, 6ª edição, editora Antroposófica, 2018 São Paulo p.26
29. STEINER, Rudolf. **Arte de Educar II, Metodologia e Didática**, 6ª edição, editora Antroposófica, 2018 São Paulo
30. STOCKMEYER, Karl. **O currículo de Rudolf Steiner para as escolas Waldorf**, volume 1, Centro de Pesquisas Pedagógicas da Associação das Escolas Livres Waldorf, 1976 Stuttgart
31. VERGER, Pierre. **Dieux d’Afrique. Culte des Orishas et Vodouns à l’ancienne Cotê des Esclaves en Afrique et à Bahia de tous les Saints au Brésil**. “Ethnographie et photographie”. In: Camera, nº 10, Lucerne, outubro de 1954b, Paris 1954
32. THE Trans-Atlantic Slave Trade Database . 2022. <<https://www.slavevoyages.org/>>

## 7. Anexos

### **Anexo 1: Contados (Itans) e Cantadas (Cantigas) do elemento FOGO**

A seguir são apresentados mitos que tratam sobre orixás do elemento fogo e em seguida algumas cantigas que se referem aos orixás desse elemento

- ✓ *Exu torna-se o amigo predileto de Orunmilá - (Mitologia dos Orixás, Reginaldo Prandi, 2001, p.76)*

Como se explica a grande amizade entre Orunmilá e Exu, visto que eles são opostos em muitos aspectos? Orunmilá, filho mais velho de Olorum, foi quem trouxe aos humanos o conhecimento do destino pelos búzios. Exu, pelo contrário, sempre se esforçou para criar mal-entendidos e rupturas, tanto aos humanos como aos orixás. Orunmilá era calmo e Exu, quente como o fogo.

Mediante o uso de conchas adivinhas, Orunmilá revelava aos homens as intenções do supremo deus Olorum e os significados do destino. Orunmilá aplainava os caminhos para os humanos, enquanto Exu os emboscava na estrada e fazia incertas todas as coisas. O caráter de Orunmilá era o destino, o de Exu, o acidente. Mesmo assim ficaram amigos íntimos.

Uma vez, Orunmilá viajou com alguns acompanhantes. Os homens de seu séquito não levavam nada, mas Orunmilá portava uma sacola na qual guardava o tabuleiro e os obis que usava para ler o futuro. Mas na comitiva de Orunmilá muitos tinham inveja dele e desejavam apoderar-se de sua sacola de adivinhação.

Um deles, mostrando-se muito gentil, ofereceu-se para carregar a sacola de Orunmilá. Um outro também se dispôs à mesma tarefa e eles discutiram sobre quem deveria carregar a tal sacola. Até que Orunmilá encerrou o assunto, dizendo: “Eu não estou cansado. Eu mesmo carrego a sacola”.

Quando Orunmilá chegou em casa, refletiu sobre o incidente e quis saber quem realmente agira como um amigo de fato. Pensou então num plano para descobrir os falsos amigos. Enviou mensageiros com a notícia de que havia morrido e escondeu-se atrás da casa, onde não podia ser visto. E lá Orunmilá esperou. Depois de um tempo, um de seus acompanhantes veio expressar seu pesar. O homem lamentou o acontecido, dizendo ter

sido um grande amigo de Orunmilá e que muitas vezes o ajudara com dinheiro. Disse ainda que, por gratidão, Orunmilá lhe teria deixado seus instrumentos de adivinhar.

A esposa de Orunmilá pareceu compreendê-lo, mas disse que a sacola havia desaparecido. E o homem foi embora frustrado. Outro homem veio chorando, com artimanha pediu a mesma coisa e também foi embora desapontado. E assim, todos os que vieram fizeram o mesmo pedido.

Até que Exu chegou. Exu também lamentou profundamente a morte do suposto amigo. Mas disse que a tristeza maior seria da esposa, que não teria mais para quem cozinhar. Ela concordou e perguntou se Orunmilá não lhe devia nada. Exu disse que não. A esposa de Orunmilá persistiu, perguntando se Exu não queria a parafernália de adivinhação. Exu negou outra vez. Aí Orunmilá entrou na sala, dizendo: “Exu, tu és sim meu verdadeiro amigo!”.

Depois disso nunca houve amigos tão íntimos, tão íntimos como Exu e Orunmilá.

- ✓ *Exu leva aos homens o oráculo de Ifá* - (Mitologia dos Orixás, Reginaldo Prandi, 2001, p.78)

Em épocas remotas os deuses passaram fome. Às vezes, por longos períodos, eles não recebiam bastante comida de seus filhos que viviam na Terra. Os deuses cada vez mais se indispunham uns com os outros e lutavam entre si guerras assombrosas. Os descendentes dos deuses não pensavam mais neles e os deuses se perguntavam o que poderiam fazer. Como ser novamente alimentados pelos homens? Os homens não faziam mais oferendas e os deuses tinham fome. Sem a proteção dos deuses, a desgraça tinha se abatido sobre a Terra e os homens viviam doentes, pobres, infelizes.

Um dia Exu pegou a estrada e foi em busca de solução. Exu foi até Iemanjá em busca de algo que pudesse recuperar a boa vontade dos homens. Iemanjá lhe disse: “Nada conseguirás. Xapanã já tentou afligir os homens com doenças, mas eles não vieram lhe oferecer sacrifícios”. Iemanjá disse: “Exu matará todos os homens, mas eles não lhe darão o que comer. Xangô já lançou muitos raios e já matou muitos homens, mas eles nem se preocupam com ele. Então é melhor que procures solução noutra direção. Os homens não têm medo de morrer. Em vez de ameaçá-los com a morte, mostra a eles alguma coisa que seja tão boa que eles sintam vontade de tê-la. E que, para tanto, desejem continuar vivos”.

Exu retomou o seu caminho e foi procurar Orungã. Orungã lhe disse: “Eu sei por que vieste. Os dezesseis deuses têm fome. É preciso dar aos homens alguma coisa de que eles gostem, alguma coisa que os satisfaça. Eu conheço algo que pode fazer isso. É uma grande coisa que é feita com dezesseis caroços de dendê. Arranja os cocos da palmeira e entenda seu significado. Assim poderás reconquistar os homens”.

Exu foi ao local onde havia palmeiras e conseguiu ganhar dos macacos dezesseis cocos. Exu pensou e pensou, mas não atinava no que fazer com eles. Os macacos então lhe disseram: “Exu, não sabes o que fazer com os dezesseis cocos de palmeira? Vai andando pelo mundo e em cada lugar pergunta o que significam esses cocos de palmeira. Deves ir a dezesseis lugares para saber o que significam esses cocos de palmeira. Em cada um desses lugares recolherás dezesseis odus. Recolherás dezesseis histórias, dezesseis oráculos. Cada história tem a sua sabedoria, conselhos que podem ajudar os homens. Vai juntando os odus e ao final de um ano terás aprendido o suficiente. Aprenderás dezesseis vezes dezesseis odus. Então volta para onde vivem os deuses. Ensina aos homens o que terás aprendido e os homens irão cuidar de Exu de novo”.

Exu fez o que lhe foi dito e retornou ao Orum, o Céu dos orixás. Exu mostrou aos deuses os odus que havia aprendido e os deuses disseram: “Isso é muito bom”. Os deuses, então, ensinaram o novo saber aos seus descendentes, os homens. Os homens então puderam saber todos os dias os desígnios dos deuses e os acontecimentos do porvir. Quando jogavam os dezesseis cocos de dendê e interpretavam o odu que eles indicavam, sabiam da grande quantidade de mal que havia no futuro. Eles aprenderam a fazer sacrifícios aos orixás para afastar os males que os ameaçavam. Eles recomeçaram a sacrificar animais e a cozinhar suas carnes para os deuses. Os orixás estavam satisfeitos e felizes. Foi assim que Exu trouxe aos homens o Ifá.

## ✚ Xangô

✓ *Canto de Xangô - Vinicius de Moraes*

Cifra: <https://www.cifraclub.com.br/vinicius-de-moraes/canto-de-xango/>

Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=Od2kpFZjhAI>

Em/G B7/F# Em7 Bm7  
Salve , Xangô, meu Rei Senhor

Em7 D7 G B7  
Salve meu orixá

Em7 B7/D# Em/D C#m7  
Tem sete cores sua cor

C7M B7 Bb Am7  
sete dias para a gente amar

## **Anexo 2: Contados (Itans) e Cantadas (Cantigas) do elemento TERRA**

Segue abaixo mitos e cantigas que tratam de orixás do elemento terra.

- ✓ *Iroco castiga a mãe que não lhe dá o filho prometido* - (Mitologia dos Orixás, Reginaldo Prandi, 2001, p. 164)

No começo dos tempos, a primeira árvore plantada foi Iroco. Iroco foi a primeira de todas as árvores, mais antiga que o mogno, o pé de obi e o algodoeiro. Na mais velha das árvores de Iroco, morava seu espírito. E o espírito de Iroco era capaz de muitas mágicas e magias. Iroco assombrava todo mundo, assim se divertia. À noite saía com uma tocha na mão, assustando os caçadores. Quando não tinha o que fazer, brincava com as pedras que guardava nos ocos de seu tronco. Fazia muitas mágicas, para o bem e para o mal. Todos temiam Iroco e seus poderes e quem o olhasse de frente enlouquecia até a morte.

Numa certa época, nenhuma das mulheres da aldeia engravidava. Já não havia crianças pequenas no povoado e todos estavam desesperados. Foi então que as mulheres tiveram a ideia de recorrer aos mágicos poderes de Iroco. Juntaram-se em círculo ao redor da árvore sagrada, tendo o cuidado de manter as costas voltadas para o tronco. Não ousavam olhar para a grande planta face a face, pois os que olhavam Iroco de frente enlouqueciam e morriam. Suplicaram a Iroco, pediram a ele que lhes desse filhos. Ele quis logo saber o que teria em troca.

As mulheres eram, em sua maioria, esposas de lavradores e prometeram a Iroco milho, inhame, frutas, cabritos e carneiros. Cada uma prometia o que o marido tinha para dar. Uma das suplicantes, chamada Olurombi, era a mulher do entalhador e seu marido não tinha nada daquilo para oferecer. Olurombi não sabia o que fazer e, no desespero, prometeu dar a Iroco o primeiro filho que tivesse. Nove meses depois a aldeia alegrou-se com o choro de muitos recém-nascidos. As jovens mães, felizes e gratas, foram levar a Iroco suas prendas. Em torno do tronco de Iroco depositaram suas oferendas. Assim Iroco recebeu milho, inhame, frutas, cabritos e carneiros. Olurombi contou toda a história ao

marido, mas não pôde cumprir sua promessa. Ela e o marido apegaram-se demais ao menino prometido.

No dia da oferenda, Olurombi ficou de longe, segurando nos braços trêmulos, temerosa, o filhinho tão querido. E o tempo passou. Olurombi mantinha a criança longe da árvore e, assim, o menino crescia forte e sadio. Mas, um belo dia, passava Olurombi pelas imediações do Iroco, entretida que estava, vindo do mercado, quando, no meio da estrada, bem na sua frente, saltou o temível espírito da árvore. À apavorada mulher do entalhador disse Iroco: “Tu me prometeste o menino e não cumpriste a palavra dada. Transformo-te então num pássaro, para que vivas sempre aprisionada em minha copa”. E transformou Olurombi num pássaro e ele voou para a copa de Iroco para ali viver para sempre.

- ✓ *Oxóssi mata o pássaro das feiticeiras* - (Mitologia dos Orixás, Reginaldo Prandi, 2001, p.113)

Todos os anos, para comemorar a colheita dos inhames, o rei de Ifé oferecia aos súditos uma grande festa. Naquele ano, a cerimônia transcorria normalmente, quando um pássaro de grandes asas pousou no telhado do palácio. O pássaro era monstruoso e aterrador. O povo, assustado, perguntava sobre sua origem. A ave fora enviada pelas feiticeiras, as Iá Mi Oxorongá, nossas mães feiticeiras, ofendidas por não terem sido convidadas.

O pássaro ameaçava o desenrolar das comemorações, o povo corria atemorizado. E o rei chamou os melhores caçadores do reino para abater a grande ave. De Idô, veio Oxotogum com suas vinte flechas. De Morê, veio Oxotogi com suas quarenta flechas. De Ilarê, veio Oxotodotá com suas cinquenta flechas. Prometeram ao rei acabar com o perverso bicho, ou perderiam suas próprias vidas. Nada conseguiram, entretanto, os três odés. Gastaram suas flechas e fracassaram. Foram presos por ordem do rei.

Finalmente, de Irém, veio Oxotocanaxô, o caçador de uma só flecha. Se fracassasse, seria executado junto com os que o antecederam. Temendo pela vida do filho, a mãe do caçador foi ao babalaô e ele recomendou à mãe desesperada fazer um ebó que agradasse às feiticeiras. A mãe de Oxotocanaxô sacrificou então uma galinha. Nesse momento, Oxotocanaxô tomou seu ofá, seu arco, apontou atentamente e disparou sua única flecha. E matou a terrível ave pernicioso. O sacrifício havia sido aceito. As Iá Mi Oxorongá estavam apaziguadas.



O caçador recebeu honrarias e metade das riquezas do reino. Os caçadores presos foram libertados e todos festejaram. Todos cantaram em louvor a Oxotocanxoxô. O caçador Oxô ficou muito popular. Cantavam em sua honra, chamando-o de Oxóssi, que na língua do lugar quer dizer “O Caçador Oxô é Popular”. Desde então Oxóssi é o seu nome.

- ✓ *Nanã fornece a lama para a modelagem do homem* - (Mitologia dos Orixás, Reginaldo Prandi, 2001, p.196)

Dizem que quando Olorum encarregou Oxalá de fazer o mundo e modelar o ser humano, o orixá tentou vários caminhos. Tentou fazer o homem de ar, como ele. Não deu certo, pois o homem logo se desvaneceu. Tentou fazer de pau, mas a criatura ficou dura. De pedra ainda a tentativa foi pior. Fez de fogo e o homem se consumiu. Tentou azeite, água e até vinho de palma, e nada.

Foi então que Nanã Burucu veio em seu socorro. Apontou para o fundo do lago com seu ibiri, seu cetro e arma, e de lá retirou uma porção de lama. Nanã deu a porção de lama a Oxalá, o barro do fundo da lagoa onde morava ela, a lama sob as águas, que é Nanã.

- ✓ *Oxumarê é morto por Xangô* - (Mitologia dos Orixás, Reginaldo Prandi, 2001, p.228)

Oxum era mulher de Xangô, mas vivia enrabichada por Oxumarê. Oxumarê era o mais bonito e atraente moço do lugar e Xangô ficou embriagado de ciúme.

Um dia, não suportando mais a ideia de perder Oxum para Oxumarê, Xangô chamou o possível rival para um duelo. Lutaram por três dias e três noites. Xangô era o mais hábil dos guerreiros e já ganhara muitas guerras e vencera muitas lutas. Oxumarê usava seu poder de dominar as cobras. Às vezes transformava-se em uma delas e escapava dos golpes mortais do machado de Xangô. Mas Xangô venceu. Xangô matou Oxumarê.

Muitos choraram a morte do moço tão bonito. Nanã, a inconformada mãe de Oxumarê, foi procurar a ajuda de Olodumare. Tão bonito era Oxumarê que o Senhor Supremo se condeou e transformou Oxumarê no arco-íris. Oxumarê, o rei dos astros, ficou para sempre vivo lá no céu.

### Oxóssi

- ✓ *Odékomorodé - Grupo Ofá*

Cifra: Manuela Silveira

Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=hbp70qCDIU>

F C  
Odékomorodé

F C  
Odékomorodé

F C  
Odé Arerê

F C F  
Odékomorodé nímayó

F C F  
Odékomorodé Oníre!

### **Obaluaê**

✓ *Ashansu (Carlinhos Brown)*

Cifra:

<https://www.cifraclub.com.br/timbalada/asanhanshu/#tabs=false&instrument=ukulele>

Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=wgiwf9GNz84>

A Bm  
Obaluaê

D A  
Babalorixa-ê

A Bm  
Babalorixá, atotô

D A  
Babalorixa-ê

A  
Ê Nirê, Nirê

Ê Nirê, Nirê

Bm A  
Babaolorum xexê salerojá

Bm A  
Babaolorum xexê salerojá

Bm A  
Aê nirê, Nirê ô

Bm A  
Aê nirê, Nirê ô

Bm A  
Aê nirê, Nirê ô

Bm A  
Aê nirê, Nirê ô

### Nanã

✓ *Ponto de Nanã (Mariene de Castro)*

Cifra: <https://www.cifraclub.com.br/mariene-de-castro/ponto-de-nana/letra/>

Vídeo: [https://www.youtube.com/watch?v=CWSG\\_zKRCKw](https://www.youtube.com/watch?v=CWSG_zKRCKw)

D4/G Am7  
Oxumarê me deu dois barajás

D7/9 D4/G  
Pra festa de Nanã

Am7  
A velha deusa das águas

Bm7  
Quer mugunzá

Am7 Bm7  
Seu ibiri enfeitado com fitas e búzios

Am7  
O ponto pra assentar

Bm7  
Mandou cantar

D7/9 D4/G  
Ê, Salubá!

D4/G Am7  
Ela vem no som da chuva

Bm7 Am7  
Dançando devagar seu ijexá

Em7            Bm7  
Senhora da Candelária, abá

C            D    D4/G  
Pra toda a sua nação iorubá

### **Anexo 3: Contados (Itans) e Cantadas (Cantigas) do elemento AR:**

Segue abaixo mitos e cantigas sobre orixás do elemento ar

- ✓ *Obatalá separa o Céu da Terra* - (Mitologia dos Orixás, Reginaldo Prandi, 2001, p.514)

No início não havia a proibição de se transitar entre o Céu e a Terra. A separação dos dois mundos foi fruto de uma transgressão, do rompimento de um trato entre os homens e Obatalá. Qualquer um podia passar livremente do Orum para o Aiê. Qualquer um podia ir sem constrangimento do Aiê para o Orum.

Certa feita um casal sem filhos procurou Obatalá implorando que desse a eles o filho tão desejado. Obatalá disse que não, pois os humanos que no momento fabricava ainda não estavam prontos. Mas o casal insistiu e insistiu, até que Obatalá se deu por vencido. Sim, daria a criança aos pais, mas impunha uma condição: o menino deveria viver sempre no Aiê e jamais cruzar a fronteira do Orum. Sempre viveria na Terra, nunca poderia entrar no Céu. O casal concordou e foi-se embora.

Como prometido, um belo dia nasceu a criança. Crescia forte e sadio o menino, mas ia ficando mais e mais curioso. Os pais viviam com medo de que o filho um dia tivesse curiosidade de visitar o Orum. Por isso escondiam dele a existência do Céu, morando num lugar bem distante de seus limites.

Acontece que o pai tinha uma plantação que avançava para dentro do Orum. Sempre que ia trabalhar em sua roça, o pai saía dizendo que ia para outro lugar, temeroso de que o menino o acompanhasse. Mas o menino andava muito desconfiado. Fez um furo no saco de sementes que o pai levava para a roça e, seguindo a trilha das sementes que caíam no caminho, conseguiu finalmente chegar ao Céu.

Ao entrar no Orum, foi imediatamente preso pelos soldados de Obatalá. Estava fascinado: tudo ali era diferente e miraculoso. Queria saber tudo, tudo perguntava. Os soldados o arrastavam para levá-lo a Obatalá e ele não entendia a razão de sua prisão.

Esperneava, gritava, xingava os soldados. Brigou com os soldados, fez muito barulho, armou um escarcéu.

Com o rebuliço, Obatalá veio saber o que estava acontecendo. Reconheceu o menino que dera para o casal de velhos e ficou furioso com a quebra do tabu. O menino tinha entrado no Orum! Que atrevimento! Em sua fúria, Obatalá bateu no chão com seu báculo, ordenando a todos que acabassem com aquela confusão. Fez isso com tanta raiva que seu opaxorô atravessou os nove espaços do Orum. Quando Obatalá retirou de volta o báculo, tinha ficado uma rachadura no universo.

Dessa rachadura surgiu o firmamento, separando o Aiê do Orum para sempre. Desde então, os orixás ficaram residindo no Orum e os seres humanos, confinados no Aiê. Somente após a morte poderiam os homens ingressar no Orum.

✓ *Oiá ganha de Obaluaê o reino dos mortos* - (Mitologia dos Orixás, Reginaldo Prandi, 2001, p.308)

Certa vez houve uma festa com todas as divindades presentes. Omulu-Obaluaê chegou vestindo seu capucho de palha. Ninguém o podia reconhecer sob o disfarce e nenhuma mulher quis dançar com ele. Só Oiá, corajosa, atirou-se na dança com o Senhor da Terra.

Tanto girava Oiá na sua dança que provocava o vento. E o vento de Oiá levantou as palhas e descobriu o corpo de Obaluaê. Para surpresa geral, era um belo homem. O povo o aclamou por sua beleza. Obaluaê ficou mais que contente com a festa, ficou grato. E, em recompensa, dividiu com ela o seu reino. Fez de Oiá a rainha dos espíritos dos mortos, Rainha que é Oiá Igbalé, a condutora dos eguns.

Oiá então dançou e dançou de alegria. Para mostrar a todos seu poder sobre os mortos, quando ela dança agora, agita no ar o iruquerê, o espanta-mosca com que afasta os eguns para o outro mundo. Rainha Oiá Igbalé, a condutora dos espíritos. Rainha que foi sempre a grande paixão de Omulu.

### Oxalá

✓ *Oluwami (Grupo Ofá)*

Cifra: Manuela Silveira

Vídeo: [https://www.youtube.com/watch?v=IA\\_QXYpLNAs](https://www.youtube.com/watch?v=IA_QXYpLNAs)

F#m Bm A  
Oluwamí Kikegbeo

Bm  
Orisá Oguián

Lèégjabô

E F#m  
Lèégjabô ajagunan

A Bm

Olorun ma bé bé pé awre

D F#m  
Olorun ma bé bé pé awre

🌈 Oyá

✓ *Iansã (Serena Assumpção)*

Cifra:

<https://www.cifraclub.com.br/serenaassumpcao/iansa/#tabs=false&instrument=ukulele>

Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=ivaj1pZ7D7Q>

Am C  
Sopra o vento, mãe

Am Em  
Vendaval de axé

Am C  
O tempo que tange o movimento, oyá

Em Am  
Iansã, epa hey!

C  
Matamba de luz

Am  
Matamba balè

Em  
Matamba clareia

C

Matamba topê

#### **Anexo 4: Contados (Itans) e Cantadas (Cantigas) do elemento ÁGUA:**

Segue abaixo mitos e cantigas sobre orixás do elemento água

- ✓ *Iemanjá ajuda Olodumare na criação do mundo* - (Mitologia dos Orixás, Reginaldo Prandi, 2001, p.308)

Olodumare-Olofim vivia só no Infinito, cercado apenas de fogo, chamas e vapores, onde quase nem podia caminhar. Cansado desse seu universo tenebroso, cansado de não ter com quem falar, cansado de não ter com quem brigar, decidiu pôr fim àquela situação. Libertou as suas forças e a violência delas fez jorrar uma tormenta de águas.

As águas debateram-se com rochas que nasciam e abriram no chão profundas e grandes cavidades. A água encheu as fendas ocas, fazendo-se os mares e oceanos, em cujas profundezas Olocum foi habitar. Do que sobrou da inundação se fez a terra. Na superfície do mar, junto à terra, ali tomou seu reino Iemanjá, com suas algas e estrelas-do-mar, peixes, corais, conchas, madrepérolas. Ali nasceu Iemanjá em prata e azul, coroada pelo arco-íris Oxumarê.

Olodumare e Iemanjá, a mãe dos orixás, dominaram o fogo no fundo da Terra e o entregaram ao poder de Aganju, o mestre dos vulcões, por onde ainda respira o fogo aprisionado. O fogo que se consumia na superfície do mundo eles apagaram e com suas cinzas Orixá Ocô fertilizou os campos, propiciando o nascimento das ervas, frutos, árvores, bosques, florestas, que foram dados aos cuidados de Ossaim. Nos lugares onde as cinzas foram escassas, nasceram os pântanos e nos pântanos, a peste, que foi doada pela mãe dos orixás ao filho Omulu.

Iemanjá encantou-se com a Terra e a enfeitou com rios, cascatas e lagoas. Assim surgiu Oxum, dona das águas doces. Quando tudo estava feito e cada natureza se encontrava na posse de um dos filhos de Iemanjá, Obatalá, respondendo diretamente às ordens de Olorum, criou o ser humano. E o ser humano povoou a Terra. E os orixás pelos humanos foram celebrados.

- ✓ *Iemanjá salva o Sol de extinguir-se* - (Mitologia dos Orixás, Reginaldo Prandi, 2001, p.391)

Orum, o Sol, andava exausto. Desde a criação do mundo ele não tinha dormido nunca. Brilhava sobre a Terra dia e noite. Orum já estava a ponto de exaurir-se, de apagar-se. Com seu brilho eterno, Orum maltratava a Terra. Ele queimava a Terra dia após dia. Já quase tudo estava calcinado e os humanos já morriam todos.

Os orixás estavam preocupados e reuniram-se para encontrar uma saída. Foi Iemanjá quem trouxe a solução. Ela guardara sob as saias alguns raios de Sol. Ela projetou sobre a Terra os raios que guardara e mandou que o Sol fosse descansar, para depois brilhar de novo. Os fracos raios de luz formaram um outro astro. O Sol descansaria para recuperar suas forças e enquanto isso reinaria Oxu, a Lua. Sua luz fria refrescaria a Terra e os seres humanos não pereceriam no calor.

Assim, graças a Iemanjá, o Sol pode dormir. À noite, as estrelas velam por seu sono, até que a madrugada traga outro dia.

✓ *Oxum é transformada em pavão e abutre* - (Mitologia dos Orixás, Reginaldo Prandi, 2001, p.341)

Nos primeiros tempos do mundo, aconteceu uma rebelião dos orixás contra Olodumare. Achando que o Senhor Supremo vivia muito distante de tudo, os orixás decidiram não lhe prestar mais obediência, dividindo entre eles mesmos todo o poder do axé, pensando até mesmo em destronar Olodumare.

Quando a notícia da conspiração chegou aos ouvidos de Olorum, sua reação foi simples e imediata: retirou a chuva da Terra e a prendeu no Céu. Não tardou para que o Aiê fosse atormentado por terrível seca. Com a seca veio a fome e com a fome veio a morte.

Os homens começaram a morrer. Logo o ronco das barrigas e a palidez das faces começaram a falar mais alto que o orgulho dos rebeldes e seus planos de levante.

Unanimemente os orixás decidiram ir a Olodumare implorar por perdão, esperando que a chuva caísse de novo e que tudo o mais na Terra voltasse ao normal. Mas eles tinham um problema: como chegar à inalcançável e distante casa do Senhor Supremo? Enviaram todas as espécies de pássaros, que voavam para o Céu até o total esgotamento, sem sequer se aproximar da casa de Olodumare.

As esperanças já se diluíam em tanto fracasso. A seca e a fome devastavam a Terra e seus habitantes. Foi quando Oxum resolveu intervir. Transformada num belíssimo



pavão, ela se prontificou a ir até Olodumare. Um tremor de gargalhadas sacudiu a Terra. Como aquela criatura pretendia voar até o inalcançável? Justamente aquela mimada, vaidosa e fútil ave! “Vais acabar te machucando, gracinha”, riam os orixás. Mas como nada tinham a perder, aceitaram. E lá se foi Oxum-pavão seguindo em direção ao sol, voando às alturas do Orum em busca do palácio do Senhor.

Voando mais alto e mais alto, a ave perdia as forças, mas não desanimava de sua inquebrantável determinação. O sol foi enegrecendo suas penas, muitas se queimaram. As penas da cabeça ficaram ressequidas e quebradiças; o pavão tinha queimaduras pelo corpo todo, seu estado era miserável. Mas lá ia Oxum voando em direção ao sol.

Quase morta, chegou às portas do palácio de Olodumare. Olodumare se compadeceu da pobre criatura. Acolheu-a, deu-lhe água e a alimentou. Por que fizera tão impossível jornada, ele perguntou ao pavão, que de pavão perdera toda a graça e beleza. Agora era uma ave feia, careca e de penas queimadas, à qual os homens, quando ela voltou, chamaram de abutre. Fizera o sacrifício pelas suas crianças, a humanidade, ela explicou ao Ser Supremo. Olodumare, penalizado com a pobre ave, deu-lhe a chuva para que ela a devolvesse à Terra. E nomeou o abutre mensageiro seu, pois só ele vence a inalcançável distância em que está Olodumare. O abutre então voltou à Terra trazendo a chuva.

Oxum-abutre trouxe a chuva de volta e com ela a fertilidade do solo e os alimentos. E graças a Oxum a humanidade não pereceu.

### **Iemanjá**

✓ *Yemanjá (Grupo Ofá)*

Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=WK7ssGSIWcE>

Ê nijé nilé lodô  
Yemanjá ô  
Acota pê lê dê  
Iyá orô miô

✓ *Canto de Iemanjá – (Os Jangadeiros)*

Cifra: <https://www.cifraclub.com.br/umbanda/como-e-lindo-o-canto-de-iemanja/>

Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=QQ-OaZzCUH4>

Am7 Em7 Am7  
Mãe d'água, rainha das ondas, sereia do mar

Am7 Em7  
Mãe d'água, seu canto é bonito quando tem  
Am7  
lunar

Am7 Em7 Dm7  
Como é lindo o canto de Iemanjá

Am7 Em7 Dm7  
Faz até o pescador chorar

Am7 Em7 Dm7  
Quem escuta a Mãe d'água cantar

Am7 Bm7 A  
Vai com ela pro fundo do mar (2x)

Am7 C Am7  
Iêê, Iemanjá!

Am7 C Am7  
Iêê, Iemanjá

Em7 Am7  
Rainha das ondas, sereia do mar

Am7 Em7 Am7  
Mãe d'água, rainha das ondas sereia do mar

Am7 Em7 Am7  
Mãe d'água, rainha das ondas sereia do mar

### Oxum

✓ *Oxum la Omiro (Grupo Ofá)*

Cifra: Manuela Silveira

Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=Qu8n1f0OPUM>

Bb Eb

Oxum la Omiro

Bb Eb  
Orixá olá nilsun ô

Gm Em  
Ekun, efun, ekun layó

Bbm Gm  
Oxum la Omiro

Gm  
Lyà Omiro

Gm  
Oxum e layo

Gm  
Lyà Omiro

Gm  
Oxum e leyo

✓ **A casa de mamãe fica de baixo d'água** (*Cantiga popular*)

Cifra: Manuela Silveira

Vídeo: <https://vm.tiktok.com/ZMNFvHMWK/?k=1>

C G C  
A casa de mamãe fica de baixo d'água

C G C  
A casa de mamãe fica de baixo d'água

C G C  
De baixo d'água por cima da areia

C G C  
De baixo d'água por cima da areia

F C G C  
Tem ouro, tem prata, tem diamante que nos alumeia

F C G C  
Tem ouro, tem prata, tem diamante que nos alumeia